

**FUNDAÇÃO INTERNACIONALI NEGOTIA  
EDITORA  
SUBSECRETARIA INTERNACIONAL**

**EDUARDO GUERRA ARAUJO**

**ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO  
GUERRA COMERCIAL ENTRE CHINA E ESTADOS UNIDOS**



**MODELO INTERNACIONAL DO BRASIL  
BRASÍLIA-DF  
2021**

**EDUARDO GUERRA ARAUJO**

**ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO  
GUERRA COMERCIAL ENTRE CHINA E ESTADOS UNIDOS**

**BRASÍLIA-DF  
2021**

## CARTA DO SECRETARIADO

Prezados Delegados e Delegadas,

Sejam todos bem-vindos à Organização Mundial do Comércio. Deste momento em diante, os senhores estarão diretamente inseridos em uma problemática tão contemporânea que certamente está se moldando enquanto leem este texto. É da natureza, não só humana, mas de vários animais, que sempre haverá competição no local onde dois alfas habitam. A atual guerra comercial entre a China e os Estados Unidos é nada mais que um confronto entre dois alfas pelo controle de um território, que, quando se chocam, afetam tudo ao redor.

Como estudante de economia na graduação, sempre foi um sonho poder levar temáticas econômicas ao universo das simulações, para mostrar como nossas vidas são influenciadas por decisões comerciais e financeiras, desde o mercado do lado de casa até as políticas fiscais de países do outro lado do mundo. Espero, por meio deste guia, situá-los dos problemas da economia global atual; como ela está globalizada e interligada; mas principalmente, servir de faísca para a chama de outras pessoas com relação ao estudo e à compreensão das ciências econômicas.

Grandeza em pequenos começos.

*“O caminho sinuoso para a paz é sempre recompensador, independente de quantas curvas se apresente.”*

*Star Wars: The Clone Wars*

## RESUMO

Neste trabalho, serão apresentadas as perspectivas da China e dos Estados Unidos no caminho rumo à posição de potências mundiais, contextualizando a tradicional economia norte-americana e o exponencial crescimento do dragão chinês nos últimos vinte anos. Além disso, será mostrado o choque de interesses entre eles, também chamado de guerra comercial, e como isso impacta diretamente a dinâmica econômica de todo o mundo. Importante também será detalhar as políticas fiscais de cada país para alcançar os respectivos objetivos.

Finalmente, busca-se alertar sobre a importância da OMC na proteção e na garantia de um ambiente seguro e saudável para se realizar comércio e investimento em âmbito global. E, com isso, propor o dilema de o quão influente podem ser as grandes economias e se instituições internacionais devem ou não intervir no funcionamento do comércio internacional.

**Palavras-chave:** Guerra Comercial, China, Estados Unidos, OMC, Políticas Fiscais

## ABSTRACT

In this article, the perspectives of China and the United States on the way towards the position of world powers will be presented, contextualizing the traditional North American economy and the exponential growth of the Chinese dragon in the last twenty years. In addition, it will show the clash of interests between them, also called trade war, and how it directly impacts the economic dynamics of the world. It is also important to detail the tax policies of each country to achieve their respective objectives.

Finally, we seek to warn about the importance of the WTO in protecting and guaranteeing a safe and healthy environment for conducting trade and investment on a global basis. And, with that, to propose the dilemma of how influential the big economies can be and whether international institutions should or should not intervene in the functioning of international trade.

**Keywords:** Trade War, China, United States, WTO, Tax Policies

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1- PERSPECTIVA DO OCIDENTE.....</b>	<b>10</b>
<b>2- PERSPECTIVA DO ORIENTE.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1- CRESCIMENTO NO SÉCULO XXI.....</b>	<b>13</b>
<b>2.2- INICIATIVA BELT-AND-ROAD.....</b>	<b>14</b>
<b>2.3- METAS FUTURAS.....</b>	<b>15</b>
<b>3- CHOQUE DE IDEOLOGIAS.....</b>	<b>15</b>
<b>4- AVANÇOS NAS NEGOCIAÇÕES.....</b>	<b>18</b>
<b>5- PRESENÇA DO MERCADO INTERNACIONAL.....</b>	<b>20</b>
<b>6- IMPACTO DA PANDEMIA.....</b>	<b>22</b>
<b>7- EXPECTATIVAS PARA O FUTURO.....</b>	<b>24</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>27</b>
<b>APÊNDICE I – PERGUNTAS A SEREM RESPONDIDAS PELO COMITÊ.....</b>	<b>29</b>
<b>APÊNDICE II – POSICIONAMENTO DE BLOCOS.....</b>	<b>30</b>

## INTRODUÇÃO

Uma das principais ferramentas do ser humano que possibilitou o amplo contato entre diferentes povos em regiões distantes foi o comércio. Por meio dele, moldou-se a dinâmica da vida no campo e em pequenas vilas. O desejo de trocar materiais e alimentos foi o combustível que fez mover a evolução do homem até a formação de cidades e nações, onde o trabalho, além de garantir a sobrevivência da região, estimulava o comércio entre outras cidades para o desenvolvimento interno de cada povo.

Antes da economia moderna, eram as interações sociais que influenciavam as dinâmicas do mercado. As estruturas políticas antigas tinham uma grande estratificação e as tradições eram seguidas fielmente. Por isso, o comércio à princípio atendia às necessidades sociais e a manutenção do perfil conservador do povo. Todavia, conforme as cidades e a população cresceram, o comércio também evoluiu, e ele começou a fazer mais parte da vida servil, até o momento em que era a economia que ditava padrões sociais e como se fazia política.

Graças a essa mudança, passaram-se os mais diversos acontecimentos históricos, desde a Peste Negra, as Grandes Navegações e a Revolução Industrial. Desde então, a economia nunca mais saiu de um posto fulcral para o desenvolvimento humano. Por meio desta contextualização, se chega ao tema principal, o surgimento de grandes potências e a luta pelo controle majoritário do comércio internacional moderno.

China e Estados Unidos, divididos por um grande oceano, de origens diferentes, mas com ambições semelhantes: ditar a política internacional e conduzir a economia global à sua maneira. Assim, como na natureza, apenas um pode ter cargo tão alto, caso contrário, sempre haverá uma feroz competição por essa posição. E é exatamente esta a situação em que o mundo se encontra desde 2018 e se arrasta até hoje.

A economia americana há mais de setenta anos é descrita como potência mundial, seja durante a Guerra Fria e principalmente depois, com a hegemonia desse poder. Já a economia chinesa em sua máxima é recente, apenas se destacando nos últimos vinte anos, porém com um crescimento nunca visto antes. Além das divergências históricas, politicamente, cada governo representa um extremo na balança ideológica, os EUA com um governo conservador e de direita; e a China com um partido único de ideais comunistas e socialistas.

A Guerra Comercial que será tratada é justamente o embate não só de posições políticas, mas também de projetos econômicos para o mundo globalizado atual. Apesar de ser

chamada de Guerra, ela não é travada com soldados e bombas, mas com canetas e discursos, projetos de lei e acordos econômicos.

Mesmo sendo as principais economias da atualidade e com tantos motivos para se odiarem, ambos são os principais clientes e fornecedores um do outro, que também representam uma parcela importante da balança comercial de vários outros países. Desse modo, qualquer atitude para prejudicar ou interferir na economia de um dos dois terá efeitos positivos ou negativos em outras nações que compõem a teia de comércio, um verdadeiro efeito borboleta.

Um dos mais importantes conceitos que devem ser compreendidos com este guia é o de política fiscal. Por meio dela, os governos impõem um percentual de um produto que deve ser pago como imposto, a principal fonte de renda do Estado. Porém, apenas retirar uma parte do valor da mercadoria para o governo não incide apenas no comprador final, o cidadão comum, mas impacta toda uma cadeia de produção antes do produto chegar à prateleira da loja.

Todo este complexo funcionamento da economia moderna não pode funcionar sozinho, visto que anteriormente, nas Guerras Mundiais e na Guerra Fria, conflitos foram travados por questões comerciais e políticas. Assim, nasce a Organização Mundial do Comércio em 1995, às vésperas do novo milênio, no final do século mais violento e revolucionário da história. Sua finalidade é de regulamentar o comércio internacional e servir de consultor para controvérsias entre nações.

Com sede em Genebra, na Suíça, a OMC, por meio de seus vários órgãos e conselhos, trata de questões envolvendo os mais diversos setores da economia global: indústria, agricultura, propriedade intelectual, serviços, entre outros. Devido aos seus princípios de imparcialidade e desenvolvimento sustentável e justo do comércio internacional, ela é palco e gestora de grandes acordos econômicos e supervisiona o bom funcionamento das leis de mercado e das políticas fiscais de todos os 164 países membros da instituição.

Com isso, tem-se as principais perguntas a serem respondidas pela Organização Mundial do Comércio acerca da Guerra Comercial entre a China e os Estados Unidos: quais os objetivos de cada nação ao manipular a composição de impostos; como esse conflito impacta toda a economia global, como acontecimentos externos influenciam nas ações tomadas pelas duas peças do jogo; e principalmente, como ou se a OMC deve intervir na resolução dessa problemática.

Vale ainda ressaltar que os países membros da organização devem agir de acordo com os princípios postos pela OMC, e que essa situação não é resolvida apenas com debates

políticos, mas com acordos de cooperação, planos e leis fiscais nacionais e internacionais, com vistas a melhor desenvolver a economia globalizada atual e fortalecer lados para superar problemas econômicos, políticos e sociais de âmbito mundial.

## **1 – PERSPECTIVA DO OCIDENTE**

Os Estados Unidos da América são a maior potência econômica, militar e política do mundo há quase cem anos. Desde o fim da Primeira Guerra Mundial, o país americano tem sido um expoente nos mais importantes acontecimentos do século XX, moldando e ditando padrões ao redor no mundo ocidental e oriental. Com ótimas universidades e um espírito empreendedor inato à cultura americana, sua economia foi responsável por diversas criações que mudaram toda a sociedade, como a linha de produção de carros e a bolsa de valores de Nova Iorque.

Seu poderio diplomático e militar foi fundamental no desenrolar da Segunda Guerra Mundial e serviu como desafio a ser ultrapassado pela União Soviética durante mais de quarenta anos, quando na Guerra Fria viu-se o enfrentamento entre o capitalismo norte americano e o comunismo soviético. Por isso, os EUA sempre foram uma fonte de cultura, comércio e relações diplomáticas forte; em que cada movimentação influenciava a dinâmica de vários outros países. A cultura consumista e o “American Way of Life” foram as maiores contribuições para a economia global na segunda metade do século passado.

Com o fim da Guerra Fria e a ameaça soviética, os americanos puderam reinar sozinhos desde 1990, sendo a única potência mundial, capazes de reverter muito das políticas comunistas que havia no passado e de adquirir ainda mais parceiros econômicos. Toda essa grandeza foi construída e testada ao longo do século que mais revolucionou a humanidade, e desse período, pode-se sedimentar no âmbito internacional uma nação capaz de impactar completamente a vida em qualquer parte do mundo.

Essa vitória se dá por meio de uma tradição nacionalista que foi desenvolvida desde a independência americana em 1776, facilmente vista na Constituição e no ideal dos pais fundadores, o objetivo primário sempre foi de formar uma nação poderosa, justa e unida. Mesmo estes termos sendo comuns em vários países, poucos têm eles realmente intrínsecos na população e na política como nos EUA. Com isso, chega-se à atualidade, com o presidente Donald J Trump, republicano que é a clara imagem de uma maioria dos americanos: patriota, orgulhoso, nacionalista e imponente.

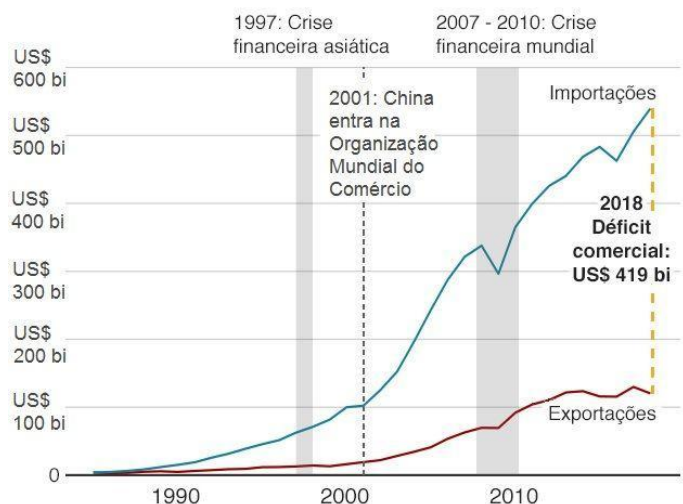
Representando principalmente o ideal de direita da economia e da política, Trump não é o primeiro e nem será o último a lidar com o país da maneira que ele faz, priorizando o desenvolvimento nacional, tendo que negociar com questões sociais e com uma diplomacia bem forte. Apesar da posição estratégica e da influência, o mundo como um todo se move sozinho, muitas vezes independente da presença política dos EUA, mas devido a globalização, decisões relevantes quanto a economia, por exemplo, geram efeitos bem maiores do que somente dentro de um país.

Já no século XXI, é observado que as mudanças globais têm sido tão impactantes quanto aquelas no século anterior, muito devido ao mundo digital e a globalização. Com isso, novas nações poderosas surgiram,, o posto de potência global agora está mais concorrido e claramente os EUA não pretendem perder essa posição sem lutar por ela, mesmo que sem precisar fazer uma guerra. A principal concorrente atual é a China, que depois de um rápido crescimento, hoje influencia igualmente ou até mais o cenário mundial que os americanos.

Foi devido a essa ameaça, entre outros discursos, que Trump foi eleito em 2016, com o slogan “Make America Great Again”, uma alusão para tornar os EUA a potência hegemônica que antes foram. Mesmo com políticas sociais polêmicas, envolvendo racismo, homofobia e intolerância a imigrantes, sua política econômica era bem clara, o desenvolvimento da economia interna e o fim da dependência de outros países para setores estratégicos. Muito da exportação dos EUA não é com matéria prima, mais sim com tecnologia e produtos avançados, mas suas maiores empresas apenas utilizam a mão de obra especializada para desenvolver produtos que serão fabricados em outros países, principalmente asiáticos.

### Comércio dos EUA com a China

O déficit comercial dos EUA com a China disparou desde 1985



Fonte: Censo dos EUA

Nesse momento, a China é a maior parceira econômica dos EUA, totalizando, em 2018, 10% das exportações e 22% das importações do comércio internacional do país, ou seja, a tecnologia é projetada e desenvolvida internamente, mas o produto é fabricado ou montado na China e importado para a América. Essa dinâmica é comum entre os países desenvolvidos desde os anos 1980, quando países do sudeste asiático começaram a receber fábricas americanas e europeias para se aproveitar da legislação e da mão de obra barata para produzir mercadorias e importá-las para o mundo todo, inclusive para os grandes mercados desenvolvidos.

Todavia, Trump acredita que essa dinâmica prejudica a economia nacional e a geração de empregos, pois, segundo sua política nacionalista, a capacitação média do americano e seu salário é superior ao do trabalhador chinês, por exemplo, por isso as empresas se fastam do país sede e constroem indústrias onde os salários e os impostos são menores. Prejudicando assim, a balança comercial americana, onde muito mais é importado e menos é exportado. E a maneira encontrada pelo governo Trump para mudar a situação é por meio de leis que aumentam impostos de produtos importados da Ásia e reduzem impostos de produtos nacionais, em uma tentativa de estimular a economia interna e fomentar que recursos e tecnologias não saiam do país e permaneçam no solo americano,

## **2 – PERSPECTIVA DO ORIENTE**

A República Popular da China como se conhece hoje é muito diferente daquela do final da Segunda Guerra Mundial, quando estava totalmente destruída pela invasão japonesa e à beira de uma guerra civil entre os nacionalistas e os comunistas. Mas essa divergência política foi o suficiente para o estopim de uma feroz guerra civil, que resultou na fuga dos nacionalistas para a ilha de Taiwan, onde fundaram a República da China, de ideologia capitalista. Enquanto no continente, o Partido Comunista Chinês fundou em 1949, a República Popular da China, alinhada com o socialismo soviético.

Ao longo da Guerra Fria, o que antes era um país totalmente agrário e pobre, viu surgir um futuro promissor com a ajuda da União Soviética e o início da industrialização na China, como contexto para a política de Mao Tse-tung. Esta política foi chamada de Plano Quinquenal, para desenvolver o país ao patamar de nação industrial do século XX, mas também serviu para implantar políticas sociais de coletivização dos meios de produção e da terra agrária. A Revolução Cultural foi outra grande movimentação para incorporar na vida

civil a doutrina comunista, que reeducou a sociedade até que em 1976, uma houvesse uma mudança de planos.

Nessa época, a indústria e o exército chinês eram totalmente patrocinados e treinados com base nos padrões soviéticos. Porém, após os russos negarem a transferência de tecnologia da bomba atômica ao governo chinês, a parceria dos dois países comunistas acabou e teve-se então a cisma sino-soviética. Inicia-se em seguida um período de isolamento da China, que somente foi contornado com a subida ao poder de Deng Xiaoping, que retomou as relações diplomáticas com os EUA e garantiu um assento permanente do Conselho de Segurança da ONU.

A partir dos anos 1980, o país asiático percebeu que poderia retomar o crescimento econômico independente da presença dos soviéticos, adota-se então as Quatro Modernidades, um plano econômico que permitiu a entrada de empresas estrangeiras, mas mantendo a política comunista. Esta união ficou chamada de socialismo de mercado, onde havia ZEE, sigla para Zonas Econômicas Especiais, áreas destinadas para investimentos internacionais. A China entre 1980 e 2000, cresceu a uma média de 9,5% ao ano depois dessa mudança de perspectiva do partido comunista.

## **2.1 – CRESCIMENTO NO SÉCULO XXI**

Enfim, a China entra no século XXI como a maior potência emergente do mundo, mostrando que o projeto implantado vinte anos antes estava dando resultados positivos, porém, o governo via mais potencial e planejava alçar voos ainda maiores. Com isso, expandiu a criação de projetos de infraestrutura, urbanização e industrialização com forte presença internacional, onde as maiores corporações do mundo se interessavam pela região devido à baixa taxa tributária, os baixos salários e um mercado consumidor de mais de 1 bilhão de pessoas.

No geral, a Ásia com um todo se desenvolveu a partir dos anos 1990, em particular o sudeste asiático, que viu a abertura de várias fábricas de multinacionais reconhecidas, que se aproveitavam dos custos operacionais baixos e do mercado consumidor em ascensão. Aos poucos, a China passa a ser chamada de fábrica do mundo, onde vários equipamentos e produtos eram feitos e exportados para todo o globo, o que possibilitou o enriquecimento do país e a urbanização da população.



### **2.3 – METAS FUTURAS**

Assim como grandes nações no passado: Portugal, Reino Unido e EUA; a China tem um objetivo maior a ser alcançado em algumas décadas para realmente entrar para a história e ditar novos rumos. Alicerçada no desenvolvimento social e econômico, em metas ambientalistas e na presença política mundial, ela pretende se tornar efetivamente a maior potência global até 2035, ultrapassando os EUA. Com hegemonia em termos militares, econômicos, culturais e diplomáticos, a China busca ditar os próximos grandes eventos da humanidade nas décadas que virão.

Para isso, vem desenvolvendo vários projetos bilionários para bater tais metas: a Iniciativa Belt-and-Road; dominância geopolítica em toda a Ásia, influência econômica na África e fortalecimento das forças armadas. Com a intervenção massiva do Partido Comunista, os objetivos estão bem estipulados e cada vez mais a comunidade internacional percebe esse avanço em várias partes do mundo. Entre elas: as polêmicas ilhas artificiais no Mar do Sul da China; ameaças à Taiwan e obras de infraestrutura em países africanos.

O caso das ilhas artificiais e de Taiwan é ainda mais delicado, tendo intenções militares e estratégicas da China que ultrapassam leis e tratados internacionais. Ainda assim, trabalhos são feitos e muitas discussões são levantadas em órgãos internacionais sobre os reais objetivos do país nesses locais. Por isso, outras nações têm repudiado certas atitudes do governo chinês ao longo de sua subida rumo ao poderio mundial por meio de sanções e ameaças que são igualmente respondidas. Justamente disso que surge a Guerra Comercial entre os EUA e a China debatida.

### **3 – CHOQUE DE IDEOLOGIAS**

Nos últimos cem anos da história das relações entre EUA e China, ambos os lados mudaram significativamente de governo e de relações internacionais. Já foram aliados, mas também grandes inimigos. No entanto, desde os anos 1990, a interação entre eles se deu de forma polêmica, enquanto os americanos buscavam se manter como única potência global, os chineses tinham pretensões futuras de subjugar o ocidente. A globalização possibilitou que países asiáticos se industrializassem, mas ao custo de continuarem dependendo da exploração fabril dos europeus e americanos.

A China, temendo que essa situação fosse como o colonialismo dos séculos XIX e XX, aliada com o controle do Partido Comunista, logo impôs leis e condições para que empresas estrangeiras viessem, mas que acima de tudo, auxiliassem no desenvolvimento interno do país. Pelo menos há quinze anos, é visível que a política aplicada deu resultados, com crescimentos anuais do PIB nunca vistos na região, o que estimulou outras nações a adaptarem o mesmo ideal, principalmente os tigres asiáticos.

Com a economia forte e numerosa que se conhece hoje, é fato que a influência chinesa não se limitaria ao próprio quintal, muito menos ao leste asiático. Por isso, projetar poder econômico e diplomático para todo o mundo exigiria grandes planos e investimentos massivos do governo. Com o crescimento ocorrido recentemente, viram um momento oportuno de iniciar esse plano. A iniciativa Belt-and-Road e a exploração do Mar do Sul da China são alguns dos meios para se alcançar esses fins.

Os EUA, ainda como maior economia no mundo e com o maior mercado consumidor, depende muito das importações de commodities e produtos industrializados da Ásia, apenas exportando tecnologia e produtos avançados. A origem deles é majoritariamente da China, logo, os americanos são também a principal fonte de receita das indústrias chinesas. Essa dicotomia sempre foi conhecida por ambas as partes, porém, recentemente com o governo Trump e as investidas mais ousadas de Xi Jinping, o teatro econômico ficou ainda mais politizado.

A ideologia ultranacionalista pregada pelos republicanos tinha como foco o retorno da indústria americana de bens e a não saída de capital das grandes empresas para o exterior, mas que fosse aplicado na economia interna. Enquanto a ideologia comunista chinesa se converge com o projeto global de conexão do mercado asiático com os mercados consumidores europeus e americanos. No fundo, é essa disputa política que resulta em interferências na economia, e ao se tratar das nações mais influentes nessa área, cada ação tem impactos inimagináveis na visão macro.

As desavenças políticas entre os dois alcançaram patamares maiores a partir de julho de 2018, quando a política fiscal de Trump, visando estimular o consumo de produtos nacionais, elevou a taxa de importação de bens semelhantes vindos da China, assim deixando-os mais caros. Inicialmente taxando mais de 360 bilhões de dólares em produtos chineses, o movimento forçou uma retaliação, com a China taxando 110 bilhões em produtos americanos. Durante o segundo semestre de 2018, foram três grandes rodadas de aumento de impostos, por ambos os lados.

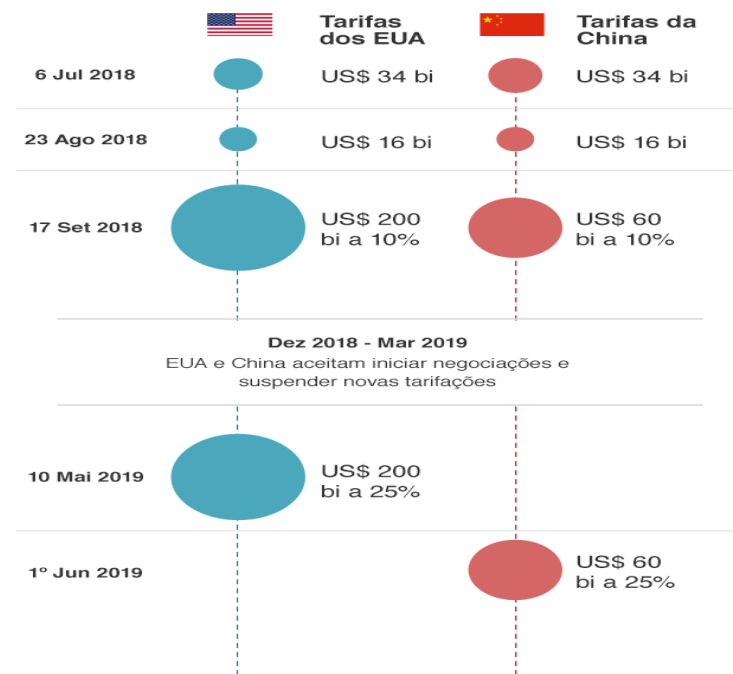
Em 2019, as disputas tarifárias não cessaram. Além dos impostos maiores, essa tensão estava prejudicando o comércio entre os dois países, com os EUA importando 12% menos da China no primeiro semestre. Já as exportações sofreram redução de 19%, mostrando que a China também estava focada no jogo político. Devido a essas mudanças, agricultores, mineradoras e multinacionais dos dois lados do Pacífico sofreram para manter as cadeias de produção global com os altos impostos e a redução das vendas.

Enquanto os EUA buscavam reduzir a dependência de importados chineses e incentivar a economia local, a China continuava a expandir a sua zona de influência. Porém, mais delicado, isso prejudicava acordos internacionais e aumentava o arrefecimento do crescimento econômico global. Fato é que a balança comercial dos dois foi desequilibrada em 2019 por causa das políticas tributárias.

Muitos economistas, políticos e pesquisadores questionaram e discutiram bastante com relação às atitudes tomadas pela China e pelos EUA em 2018 e 2019, aos aumentos em impostos de importação de alguns setores, as justificativas para cada ação e principalmente os reais objetivos por trás da guerra comercial.

### Como a guerra comercial entre EUA e China se intensificou

Valor total de produtos afetados, não cumulativo



Aviso: Dados de 13 de maio de 2019

Fonte: Peterson Institute for International Economics, BBC research



#### 4 – AVANÇOS NAS NEGOCIAÇÕES

Excetuando-se algumas nações que se beneficiaram com a guerra comercial entre China e EUA, como membros do NAFTA e da ASEAN, o resultado de 2 anos de disputas foi arrasador, comparável à crise imobiliária de 2008. A relevância das economias em questão é tamanha que não se pode menosprezar o impacto micro e macroeconômico em cada país do mundo. Por isso, no final de 2019, iniciaram-se negociações para encerrar as sanções e retomar uma relação saudável no tema.

Fase 1, este foi o nome do primeiro documento assinado, em 15 de janeiro de 2020, que focou em abrir os caminhos para o término do problema. Nele estavam listadas metas de importação e exportação para ambas as nações, bem como compromisso de não elevar mais taxas de importação. Os produtos agrícolas e industriais, que foram os mais afetados anteriormente, também tiveram seu comércio acordado, com valores bilionários.

Outros tópicos abordados no tratado se referem a esforços conjuntos para garantir direitos de propriedade intelectual, *cyber* segurança, serviços financeiros e transparência de informações. Muitos deles eram antigas críticas do governo americano ao PCC, acerca da presença e espionagem do governo em empresas privadas e estrangeiras no país, como forma de manipular dados e acordos.

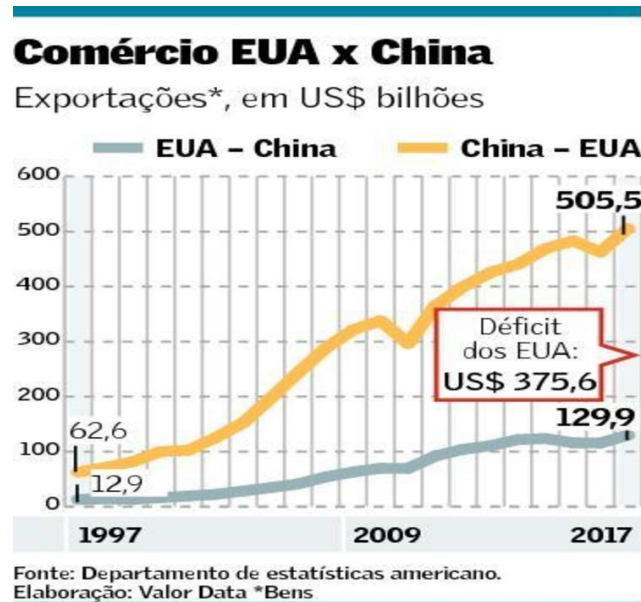
Além disso, essa fase possibilita futuros novos capítulos a serem adicionados sobre o tema, de acordo com o desenrolar da política econômica dos dois países. Fato importante, diferente de tratados assinados pela OMC, que possuem teor mais arbitrário, esse acordo no início de 2020 dependia do comprometimento bilateral com os tópicos discutidos, sem nenhum intermédio ou juiz para o caso.

Essa mudança de dinâmica se dá principalmente pela percepção da economia sobre a guerra comercial: o que antes eram apenas farpas político-ideológicas, começaram a trazer consequências reais para as economias. Por se tratar de países grandes e poderosos, ações governamentais afetam o mercado, mais ainda, o mercado afeta a governança deles.

No caso americano, a política funciona majoritariamente com eleições a cada quatro anos, quando há a tradicional disputa entre o Partido Democrata e o Partido Republicano, com os respectivos ideais e projetos de governo. Porém, como em quase todas as democracias modernas, onde o voto popular é a máxima da nação, expectativas sobre a economia e a qualidade de vida e trabalho do povo de fato decidem eleições.

Especialmente em 2020, ano de eleições presidenciais nos EUA, muitas movimentações políticas são feitas para garantir outro mandato no poder, nesse caso, a

reeleição de Trump. Todavia, a guerra comercial comprada por ele dois anos antes custou bastante do cenário econômico do país, em uma tentativa de estimular o mercado interno, arriscou acordos e relações com o maior parceiro de importações e exportações, impactando as maiores companhias do país, que contratam milhões de americanos e são responsáveis por setores cruciais da economia.



Do outro lado, havia uma China empenhada em retomar o crescimento impressionante de sua economia, tal como cinco anos antes, que se viu na obrigação de reagir contra as ameaças americanas, na luta pela influência global do mercado. Mesmo sendo um governo de partido único, sem eleições populares e com todas as decisões importantes sendo tomadas internamente na cúpula do Partido Comunista Chinês e onde a opinião pública sobre o governo tem pouco impacto nas decisões.

Ainda assim, o país asiático depende fortemente do comércio internacional, como ‘fábrica do mundo’, e precisa suprir rapidamente a crescente demanda do mercado consumidor interno. Essa interação entre empresas chinesas e acordos com multinacionais, além de impulsionar a relevância da economia chinesa, funcionam como uma fonte preciosa de arrecadação para o governo. Por meio desta renda, o partido comunista pode estipular e concretizar planos de médio e longo prazo: obras públicas, infraestrutura, acordos comerciais internacionais e geopolítica.

Com isso, por mais divergentes que sejam as propostas e ideologias políticas da China e dos EUA, o mercado funciona de forma muito parecida e a influência que ele tem internamente é muito forte. Assim, depois de dois anos de imposições e restrições, a dinâmica da economia respondeu negativamente e pressionou ambos os lados a negociar o fim da

guerra comercial, ao se perceber que os dois agentes estavam se prejudicando com esta situação. Então, desde a virada do ano 2020, têm sido discutidas maneiras de acabar com a guerra e retomar o crescimento econômico global.

## **5 – PRESENÇA DO MERCADO INTERNACIONAL**

Como já foi citado antes, EUA e China claramente são os maiores expoentes da economia global. Assim, qualquer ação tomada por eles, acordo assinado ou imposição feita afeta direta ou indiretamente até a menor e mais remota nação. Quando se deu início à guerra comercial, todos sabiam que ela iria repercutir mundo afora, mas a escala que ela alcançou em dois anos nem os economistas mais pessimistas imaginavam. Em vários países, setores inteiros foram impactados negativamente, mas alguns se beneficiaram da situação.

Sendo os maiores mercados consumidores atualmente, os dois lados desse jogo tiveram que buscar alternativas para evitar gastos excessivos com taxações. Para isso, começaram a comercializar com nações próximas produtos complementares e substitutos daqueles em que cada governo interferiu.

Do lado americano, o fluxo de valores com os vizinhos Canadá e México aumentou significativamente, fazendo deles novamente os maiores parceiros dos EUA. Isso ocorreu devido a muitos produtos que antes eram importados da China poderem ser importados de outros países, onde há condições fiscais melhores. Outros mercados também foram focados para exportações de bens americanos para a Europa e a América do Sul e, mesmo que a cadeia de produção tenha sido prejudicada, alguns setores tiveram expressivas evoluções, como a agricultura e a mineração.

Enquanto isso, a China também precisou encontrar novos mercados para escoar a produção e garantir a movimentação da economia, por isso voltou esforços para as indústrias do sudeste asiático, principalmente os membros da ASEAN. Assim, possibilitando o comércio entre essas regiões com condições mais benéficas para as empresas, países latinos e africanos também experimentaram um aumento nas transações com os chineses, que buscaram substitutos da indústria de base para a produção tecnológica nacional.

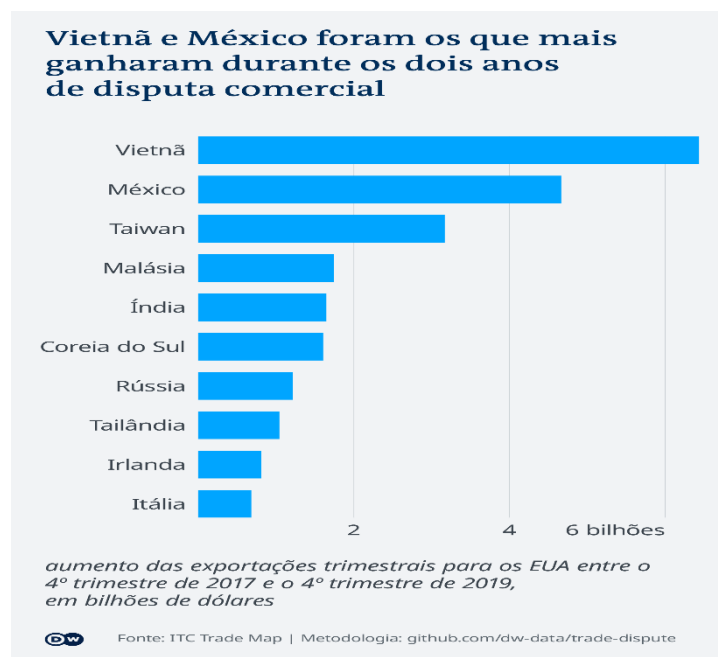
Ainda assim, quando se retira uma engrenagem tão importante quanto essa, é previsível que a máquina econômica mundial não funcionará normalmente e nem poderá se desenvolver. Isso foi sentido em diversos mercados e setores da economia, fazendo com que fossem cobradas respostas dos governos e órgãos internacionais para se evitar crises de desemprego e falência generalizadas. As grandes corporações, que dependem de

fornecedores, acordos tarifários e mercados consumidores em vários países, viram seus lucros reduzirem e a dificuldades nas vendas aumentar, portanto, pressionaram as nações a repensar as consequências da guerra comercial.

Multinacionais são muito importantes na dinâmica do mercado internacional, mas a situação abordada também impactou dois segmentos fulcrais da economia: os pequenos e médios empresários e os consumidores finais, que numericamente são maioria e movimentam valores maiores. Eles presenciaram elevações nos produtos, taxas mais altas e menos variedade nas importações; além disso, agricultores e outros comerciantes viram os custos e a burocracia em exportar suas produções aumentar consideravelmente com as taxas mais caras.

Não obstante, com uma economia diversificada como a atual, sempre é possível encontrar produtos semelhantes ou complementares em outros países, e foi exatamente isso que ocorreu com as indústrias do leste asiático e da América do Norte. Mostrando assim, que a economia sempre consegue se reestabelecer e alcançar o equilíbrio, onde mercados sofrem com demanda reduzida, outros têm aumento dela.

Pode-se observar que, por mais que governos tentem controlar e manipular a economia por algum tempo, no final, as forças e leis de mercado prevalecem e o equilíbrio sempre é retomado. Atualmente, existem diversos organismos e instituições que se preocupam com o funcionamento saudável da economia mundial e são relevantes no combate a crises de mercado, que afetam todas as nações, no âmbito micro e macroeconômico.



## 6 – IMPACTO DA PANDEMIA

A pandemia causada pelo vírus do COVID-19 está sendo um dos eventos mais marcantes do século devido à sua alta taxa de infecção e mortalidade, o que está prejudicando e revolucionando toda a dinâmica da interação humana. O que antes, no final de 2019, parecia ser um surto de gripe na cidade de Wuhan, no centro da China, mostrou-se uma ameaça à saúde pública de proporção mundial. Aliada ao medo e ao desconhecimento do patógeno, o coronavírus inflou debates sobre política, informação e socialização em todo o globo.

Conforme o vírus se espalhava pela Ásia e Europa, governos e instituições lutavam para compreender e retardar a contaminação. O fato dele ter surgido na China e da falta de transparência das autoridades e dos laboratórios da região acerca da origem e das características da doença estimulavam conclusões falsas e precipitadas da situação. O governo de Trump acusou a China de manipular informações e até espalhar ‘fake news’ sobre o vírus ser uma arma biológica do partido comunista.

Desse modo, pouco menos de um mês após a assinatura da Fase 1 das negociações da guerra comercial, as relações políticas entre os dois lados foram afetadas pela polêmica do coronavírus, e isso se mostrou como um desafio a mais rumo ao fim do conflito econômico. As regras de isolamento social e fechamento de comércios impactaram diretamente o setor de serviços e varejo, que já estavam fragilizados pelas políticas tributárias entre a China e os EUA.

Os primeiros seis meses desde o agravamento da pandemia, em março, resultou no verdadeiro colapso da economia americana e foi um golpe muito forte no cenário mundial. Enquanto no ocidente, o verão foi marcado por lojas fechadas e milhões de casos confirmados da doença, a China soube bem controlar o vírus que surgiu no próprio território, isolando cidades inteiras e instituindo políticas rígidas de lockdown e testagem.

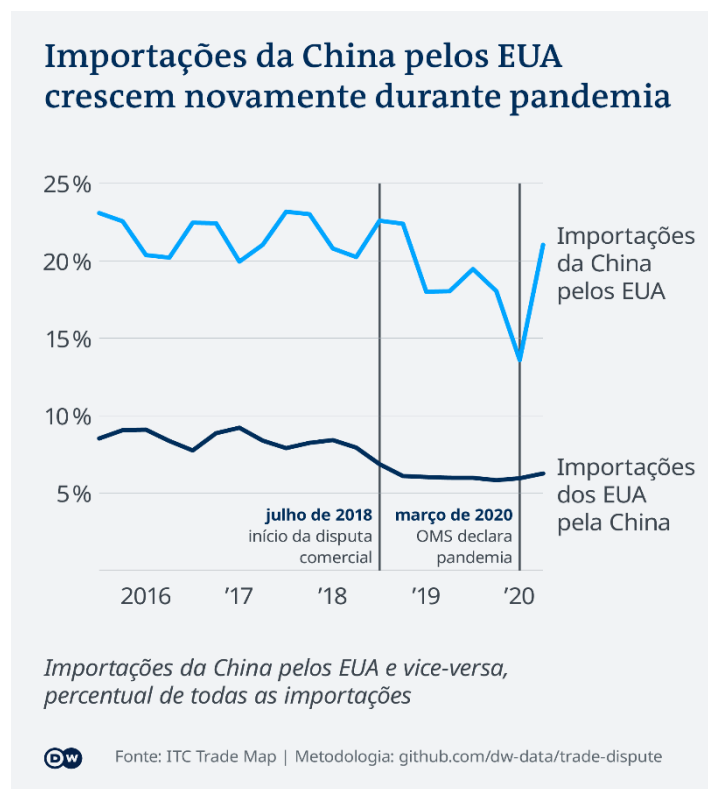
Ao mesmo tempo que hospitais estavam lotados com doentes, cientistas lutavam contra o tempo para entender o vírus e desenvolver uma vacina rápida e eficaz. Felizmente, já no segundo semestre de 2020, as vacinas começaram a ser testadas e aprovadas para a fabricação. Laboratórios russos, americanos e chineses foram os primeiros a lançarem tais doses de esperança. Porém, esse esforço foi alvo de críticas e preocupações, muitas delas infundadas, sobre a procedência e a segurança das vacinas.

O governo de Donald Trump, ainda sofrendo com o maior número de casos e mortes no mundo, foi e é crítico quanto à vacina de origem chinesa, alegando que esta possui microchips do partido comunista para espionagem. Isso mesmo sabendo que depende da

China para muitos insumos hospitalares e remédios para suportar a altíssima demanda do sistema de saúde no cuidado dos infectados. Outras nações e líderes também contestam a procedência das ‘vachinas’ e clamam por mais equipamentos e recursos médicos no país oriental.

O presidente americano está em uma posição muito delicada, negociando o início do fim da guerra comercial, lidando com a maior pandemia em cem anos e há um mês das eleições presidenciais. O cenário político, econômico e sanitário é o pior possível e cada movimento feito por ele e a resposta do governo chinês vai ditar os rumos de todo o mundo para os próximos meses. Antes, a discussão era apenas ideológica e tributária, polêmica o suficiente, mas agora, vidas estão em jogo e comércios inteiros sofrem com a situação.

Assim, a pressão mundial pelo fim da guerra comercial se elevou, pois, mais do que impactar várias economias, acordos e suprimentos para vacinas e produtos hospitalares dependem da ponte EUA-China. Outro país que se preocupa com essa problemática é a Índia, que é a líder em fabricação e exportação de vacinas no mundo, mas ela depende do IFA (ingrediente farmacêutico ativo) dos laboratórios americanos e europeus e das seringas produzidas na China. Porém, as disputas políticas podem prejudicar essa cadeia de produção quando as vacinas começarem a ser aprovadas e fabricadas para bilhões.



## 7 – EXPECTATIVAS PARA O FUTURO

Se fosse perguntado a economistas e políticos no início deste ano quais eram as expectativas para o futuro, no que se refere a guerra comercial, havia um ambiente de otimismo e esperança. Todavia, a pandemia que se instalou de forma preocupante muda totalmente a dinâmica do conflito, mais uma variável que pode impactar o destino da relação econômica entre EUA e China. Adicionado a isso, em novembro serão as eleições americanas, por isso, muito da política de Trump com relação a guerra e o coronavírus pode mudar para influenciar os resultados e buscar uma reeleição.

A cobrança de multinacionais e cidades para a retomada do comércio saudável e aquecido também indicam para os governos que a situação já não é mais sustentável e benéfica para ninguém. Na região Ásia-Pacífico, muitas nações se aproveitaram da guerra comercial e expandiram suas indústrias e seus parceiros, mostrando-se como uma nova oportunidade de fluxo com outros países, certamente esse crescimento continuará mesmo depois de um fim à guerra. As corporações buscam sempre novos fornecedores que possam reduzir os custos fixos.

A recessão econômica causada pela pandemia influenciou na forma como governos e empresas observam e interagem com o comércio internacional. Agora, com menos contato físico e mais reuniões online, saber conectar produtores e clientes de maneira eficaz e livre vai ser fundamental para o futuro da economia. Quando há menos interferência e barreiras dos Estado para o livre mercado, acordos são feitos mais facilmente, valores fluem mais rápido e o mercado cresce mais.

Muito está em jogo para ambos os lados, as negociações nos próximos meses vão ditar a geopolítica dos próximos anos. Para a China, lidar com a pandemia e recuperar a imagem internacional de grande potência é primordial, afinal, o vírus surgiu lá e as primeiras ações do governo foram bem questionáveis para a comunidade. Resolver a crise também concerne ao plano maior do partido comunista de hegemonia do mercado global projetada para as décadas futuras, como a Belt-and-Road e o Mar do Sul da China.

No lado americano, garantir a ‘vitória’ ou a ‘liderança’ na guerra comercial tem relação com encerrar o primeiro mandato de Trump com uma vitória da ideologia nacionalista e republicana do governo, isso como uma forma de propaganda política para as eleições. Pois, da mesma forma extremista e segregacionista com que ele chegou ao poder em 2016, esse

ano, ainda há a questão da pandemia e da guerra comercial, ambas com presença da China, podendo ser utilizada novamente para as próximas eleições.

O duelo pela hegemonia global deixa o mundo apreensivo, até quando e até onde essa luta pode chegar, as disputas tributárias em cima de produtos podem se tornar limitações para circulação de pessoas, recursos médicos e sanitários. Como já é claro, há muito embasamento político-ideológico no conflito, logo, existe um risco deste alcançar dimensões de diplomacia e guerra declarada, principalmente com relação a Taiwan e o Oceano Pacífico; a presença em Guam e em outras ilhas no oriente.

Enquanto os dois lados brigam, o resto do mundo reage e tenta minimizar as perdas ou maximizar os ganhos causados pela situação atual. Afinal, unindo Europa, América Latina, África e Sudeste Asiático, tem-se mais poder geopolítico e econômico do que EUA ou China. A forma como os outros 194 países do mundo vão responder ao ambiente destrutivo em que o mercado mundial se encontra será tão importante quanto apenas os acordos e as promessas que as duas nações vão tomar para os próximos meses e anos.

Desde 2018, quando foi iniciada a guerra comercial, era perceptível que não se restringiria apenas ao âmbito econômico e fiscal, mas seria um embate político e diplomático de proporções muito além dos dois países. Ainda no início de 2020, havia esperança de dias melhores, mas, em menos de um trimestre, os avanços de um ano inteiro foram perdidos. O que se pode esperar do último trimestre deste ano e do ano seguinte, a história estará sendo escrita para todo o mundo presenciar e interagir.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pode-se observar que ambos EUA e China chegaram ao nível de superpotências globais do século XXI, posição esta que poucas nações historicamente alcançaram, e aquelas que a fizeram, constantemente disputaram o lugar com uma ou mais outras concorrentes. Essa definição carrega consigo muitos poderes e ainda mais responsabilidades, visto que qualquer ação ou política tem consequências no mundo todo. Por isso, espera-se desses países consciência e diplomacia na economia e na geopolítica, principalmente nos tempos modernos.

Ao longo dos tempos, o mercado internacional evoluiu por meio de ciclos econômicos, ou seja, crescimentos; crises e depressões sucessivas. Cada um desses ciclos foi respondido com políticas econômicas diversas, sejam elas de cunho liberal ou intervencionista. Fato é, Estados e organismos nacionais e internacionais reagem a fenômenos

de mercado a fim de resolver crises e garantir o crescimento saudável e constante da economia.

A atual guerra comercial em pauta é mais um momento chave do ciclo que a economia mundial se encontra. Porém, agora a situação vai além da teoria e do mercado financeiro. Há também arcabouços ideológicos, políticos e diplomáticos nas ações tomadas pelos dois países. Divergências sobre importações e exportações acontecem a todo instante entre grandes corporações e governos. A economia contemporânea é muito complexa e interligada, nem sempre um fluxo de bens e valores pode beneficiar instantaneamente todos os envolvidos.

Contudo, quando essa dicotomia diz respeito a agentes econômicos com capacidade de influenciar e prejudicar todo o mercado global, é arriscado simplesmente deixar que a economia se auto-regule e não interferir. Por isso, a Organização Mundial do Comércio deve o quanto antes estar ativa na situação atual e garantir que leis internacionais não sejam violadas e que o problema não se escale para algo mais grave e delicado. O mundo de hoje depende muito dos fluxos de mercadorias e acordos econômicos para o bom funcionamento da civilização, desde megaempresas até os pequenos comerciantes.

Negociar e solucionar o tema em análise requer muito estudo, consciência e objetividade para que ambas as partes não se sintam prejudicadas e que a economia possa voltar a crescer com todos os países e setores em conjunto. Mais que estipular novos acordos, cotas de taxação e mínimos de gastos, os números somente mostram a superfície da máquina ou do problema. Pensar em termos diplomáticos e sociais é tão importante quanto em estatísticas e probabilidades. O ser humano é um animal sensível e social, por isso, o comitê precisa, assim como pensar na economia, refletir sobre a repercussão política, social e ética da guerra comercial e da diplomacia moderna.

## REFERÊNCIAS

YILMAZ, Bahri. **The US-China ‘Trade War’: The War Nobody Can Win**. Koç University -Tusiad Economic Resarch Forum, Istanbul, 2019.

STEINBOCK, Dan. **U.S.-China Trade War and Its global Impacts**. China Quartely of International Strategic Studies, Vol. 4, No. 4, Shangai, 2018.

MONTEIRO, Camilla Morgado Horta e OBREGON, Marcelo Fernando Quiroga. **O novo muro de Trump: uma análise das implicações da guerra comercial entre os Estados Unidos e a China**. Derecho y Cambio Social, Lima, Nº 56, ABR-JUN 2019.

THORSTENSEN, Vera. **China e EUA – De Guerras Cambiais a Guerras Comerciais**. FGV, São Paulo, 2010

Wikipedia. **China – United States Trade War**. 2021. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/China%E2%80%93United\\_States\\_trade\\_war](https://en.wikipedia.org/wiki/China%E2%80%93United_States_trade_war)

BrasilAgro. **China perde lugar de maior parceiro comercial dos EUA**. 2019. Disponível em: <https://www.brasilagro.com.br/conteudo/china-perde-lugar-de-maior-parceiro-comercial-dos-eua.html>

Portuguese.people.cn. **China define metas ‘pragmáticas’ para 2035**. 2020. Disponível em: <http://portuguese.people.com.cn/n3/2020/1030/c309806-9775118.html>

BBC. **Quem tem mais a perder na guerra comercial entre EUA e China?** 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48261648>

DW. **Os reais vencedores da guerra comercial entre EUA e China**. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/os-reais-vencedores-da-guerra-comercial-entre-eua-e-china/a-55448883>

G1. **Entenda a ‘guerra comercial’ entre EUA e China e como ela pode afetar a economia mundial**. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/entenda-a-guerra-comercial-entre-eua-e-china-e-como-ela-pode-afetar-a-economia-mundial.ghtml>

El País. **EUA x China: cenários da nova guerra fria**. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-07-27/eua-x-china-cenarios-da-nova-guerra-fria.html>

**CNN. A US-China trade war is the last thing the world economy needs now. 2020.**

Disponível em:

<https://edition.cnn.com/2020/05/19/economy/us-china-trade-war-resume-coronavirus-intl-hnk/index.html>

**APENDICE I – Perguntas a serem respondidas pelo comitê**

Quais os objetivos da China e dos EUA com as imposições fiscais?

Quais os esforços da China e dos EUA para encerrar os ataques?

Como o mundo está sendo afetado pela guerra comercial?

De que maneira a pandemia comprometeu e pode comprometer as negociações?

Quais medidas e quais recomendações a OMC fará para resolver o problema?

## APÊNDICE II - Posicionamento de países

### **África do Sul**

Como uma das maiores economias do continente africano, a África do Sul tem grande relevância no cenário regional, com forte relações com a Europa, sobretudo as Ilhas Britânicas. Devido à forte indústria e à mineração, é um alvo estratégico de relações comerciais tanto do ocidente quanto do oriente. Atualmente, o país se divide com o tradicional vínculo com a Europa e os EUA, relação estabelecida desde o neocolonialismo, que possibilitou seu desenvolvimento, mas trouxe vários problemas sociais, exemplo do Apartheid. Mas também busca se modernizar às novas economias, como a chinesa, que vem investindo pesado na infraestrutura da região.

### **Alemanha**

Encabeçando as potências europeias como a mais influente e desenvolvida do continente, a Alemanha tem bastante peso nas decisões comerciais e jurídicas da União Europeia e sua diplomacia interna reflete na dinâmica do Velho Continente em geral. Como membro da OTAN e com fortes relações entre os americanos, ingleses e franceses; é de se esperar que sua posição tenda para o lado ocidental de disputas comerciais, mas sem menosprezar potenciais oportunidades de negócios com nações asiáticas, principalmente no setor automotivo e farmacêutico.

### **Arábia Saudita**

A Arábia Saudita tem fortes laços com os americanos no que diz respeito ao setor militar e petrolífero, com grandes acordos de tecnologias militares do ocidente e importantes fluxos de petróleo pelo Estreito de Ormuz. A monarquia saudita é alvo de muitas críticas sobre seu governo autoritário, desrespeito aos direitos humanos e corrupção. Todavia, é onde se encontra a maior reserva de ‘ouro negro’ explorado no mundo, o que significa poder de barganha e negociações facilitadas com o resto das nações.

### **Argentina**

A economia argentina vem sofrendo a 30 anos com decisões políticas e fiscais ineficientes que já resultaram em três pedidos de *Concordata*, quando o governo é incapaz de pagar a dívida externa com o FMI e pede renegociação de taxas. Dividindo o protagonismo da

América do Sul com o Brasil, ela influencia a geopolítica regional e tem como maior parceira a China, que importa grande parte dos minérios e grãos produzidos no país.

### **Austrália**

A ‘Terra lá de baixo’ como a Austrália é comumente chamada, apesar de geograficamente isolada das rotas aéreas e marítimas de comércio global, ainda consegue influenciar a dinâmica da Oceania e tem forte relações com os ingleses, americanos e japoneses. Isto fica claro quando ela compõe uma força tarefa que visa contra-atacar o expansionismo chinês no sudeste asiático.

### **Bélgica**

Um dos membros fundadores da União Europeia, desde o BENELUX, 30 anos antes, a Bélgica sempre foi palco para discussões e tratados políticos e econômicos da Europa. O resultado disso é o percentual de importações e exportações via Mar do Norte e rotas fluviais entre a França, Holanda e Alemanha. O contato comercial com a China e o oriente se dá por produtos industrializados e eletrônicos, com pautas diplomáticas seguindo o consenso da unidade europeia.

### **Brasil**

O Brasil é a maior economia latino-americana e uma das maiores do mundo, apesar das recentes crises comerciais e políticas, com escândalos de corrupção derrubando governos e a ameaça da pandemia. Nos últimos anos, passou por quatorze anos em um governo de esquerda (PT) e recentemente para um governo de forte ideal direitista (PSL). Tem como maiores parceiros econômicos a China, seguida dos EUA, para os quais exporta muito minério de ferro e soja, entre outras *commodities*. Por isso, é um país que não pode simplesmente tomar um lado sem correr o risco de afetar toda uma cadeia comercial em uma situação tão delicada e complexa.

### **Canadá**

O segundo maior país do mundo em extensão territorial, no período da guerra comercial e da pandemia, voltou a ser o maior parceiro econômico dos EUA, com fluxo de automóveis, tecnologia e agricultura sendo os principais bens. Mesmo sendo coadjuvante em questões geopolíticas internacionais, é um membro ativo da OTAN e da OMC, sempre apoiando e investindo em projetos e políticas americanas e europeias.

## **Chile**

O pequeno país latino possui uma posição estratégica no litoral oeste do continente, sendo perfeito para o escoamento de navios chineses com produtos importados, além de exportar muitos automóveis, vinhos e grãos para a Ásia. O contato com o Oceano Pacífico torna o Chile um aliado perfeito para conectar EUA ou China com os mercados latinos de mineração, agricultura e telecomunicações.

## **China**

A economia que mais cresceu nas últimas décadas e passou a ser considerada a próxima potência hegemônica mundial, a República Popular da China, com 1,4 bilhões de habitantes, é a maior população e mercado consumidor do globo, com o segundo maior PIB e subindo. O projeto de ‘fábrica do mundo’ realizado pelo Partido Comunista tornou o país um gigante na indústria em geral e expoente em vários setores da economia internacional. Praticamente qualquer produto hoje ou é feito ou tem partes que vieram do dragão asiático. Com claros objetivos para no futuro ser a maior economia mundial e tomar o posto dos EUA, a China vem pondo em práticas políticas nacionais de desenvolvimento industrial e urbano das cidades, bem como de expandir sua esfera de influência para o Mar do Sul da China, África e todos os outros continentes, exemplo disso é a promissora Iniciativa *Belt-and-Road* de conexão com portos asiáticos até a Europa.

## **Colômbia**

A Colômbia é um grande exportador de café e matérias-primas para indústrias americanas e europeias produzirem alimentos e vestuários, com a proximidade do Caribe e da América do Norte, acaba comercializando muitos bens na região. A China também a vê como um parceiro em potencial para deslocar outros recursos minerais próximos, incluindo do Brasil e da Venezuela.

## **Coreia do Sul**

Desde o cessar fogo da Guerra das Coreias, a Coreia do Sul se tornou uma base do capitalismo americano até hoje, com relações e acordos militares entre o Japão e os EUA, permitindo se desenvolver um setor tecnológico muito influente na região. Por não ter relações com a irmã Coreia do Norte e pela proximidade com Japão e Taiwan, a China a

considera como um obstáculo na sua meta de hegemonia oriental. No entanto, a Coreia do Sul continua firme em suas tradições e leal aos parceiros internacionais.

### **Dinamarca**

A Dinamarca possui posição estratégica no norte da Europa, servindo de conexão entre o Mar Báltico e o Atlântico. Também detém controle do território da Groenlândia, próximo ao Canadá, com recursos naturais inexplorados e reservas de água doce. Com fortes relações econômicas com a União Europeia, a monarquia dinamarquesa é uma importante aliada no setor marítimo e cargueiro.

### **Egito**

Entre as maiores economias do mundo árabe, o Egito é um expoente no que se refere ao espelhamento de poder militar e o poder de controlar um dos trechos marítimos mais importantes do mundo, o Canal de Suez. Alvo de diversas guerras e tratados, este caminho que conecta o Oriente Médio e a Ásia com a Europa é crucial para a dinâmica do comércio internacional, incluindo a iniciativa Belt-and-Road da China. Também é estratégico para a transição de poder aeronaval americano na região, sobretudo envolvendo Israel e Irã.

### **Emirados Árabes Unidos**

Há alguns anos os EAU buscam reduzir sua dependência econômica com relação ao petróleo, investindo na urbanização, no turismo e nas finanças como forma de diversificar o PIB. Visando transformar a região desértica em um hub geográfico para viagens e negócios, além de parada para fluxo de bens, pessoas e valores. Com presença forte do governo real, o Khalifado, querem divulgar ao mundo uma imagem de imponente e rico país para turistas e grandes corporações, atraindo assim investidores e marcas internacionais, desde americanas até europeias e asiáticas.

### **Espanha**

Sendo uma economia consolidada no cenário mundial, a Espanha continua se estabelecendo como importante nação no setor turístico, industrial e energético. Por isso, muitas empresas internacionais procuram lá cenários saudáveis de investimento. Porém, com a crise do *sub-prime* em 2008 e agora a pandemia, percebe-se que a presença chinesa no comércio espanhol vem crescendo à medida que empresas asiáticas tomam responsabilidade de projetos públicos de infraestrutura e fontes de energia.

## **Estados Unidos**

Sem dúvidas, a nação mais poderosa, rica e influente do mundo a aproximadamente cem anos, deseja continuar como potência hegemônica enquanto isso for indicativo de poder. Com alianças entre países americanos e europeus (OTAN), e presença na Ásia, são capazes de projetar força e ordem em qualquer canto do globo. Percebendo a ameaça chinesa de dividir esse posto, uma guerra comercial foi a justificativa do governo nacionalista de Trump para se opor ao comunismo vermelho que está a frente da liberdade capitalista. A força industrial que a China se tornou preocupa o governo com relação a fuga de capitais para países asiáticos com leis e custos mais baixos, roubando empregos de trabalhadores americanos e elevando a dependência em produtos importados. Por isso, em uma manobra fiscal que prejudica toda a dinâmica do comércio internacional, decidiram taxar produtos chineses, a origem e o destino da maior parte da balança comercial estadunidense por resposta a acusações de ilegalidades em patentes.

## **Filipinas**

As Filipinas foram uma das poucas nações que realmente se beneficiaram da guerra comercial. Com a dificuldade de transacionar bens entre os dois extremos do Pacífico, a economia filipina se mostrou uma excelente oportunidade para empresas instalarem indústrias e mercados consumidores. Fato é, o país buscará a todo custo que essa explosão de capital que embarcou com a crise continue depois dela e que o desenvolvimento possa se manter prolongadamente.

## **França**

Entre os países mais antigos do mundo, a França presenciou muitas mudanças de governo e de sociedade, que formaram uma tradicional e desenvolvida economia na atualidade, desde turismo histórico, defesa, energia e transportes. Membro do P5, o poder geopolítico francês é subestimado, mas entre o Caribe, a África e as ilhas no oriente, essa nação transmite força e influência. Bastante alinhada com a União Europeia e a América, também foi afetada pela crise comercial e a pandemia, mas ainda busca se posicionar como potência econômica de direita.

## **Holanda**

A Holanda representa uma grande economia portuária na Europa, com parte significativa do comércio marítimo passando pelo porto de Roterdã entre o interior do continente e o mar. Certamente, é oportuno que a China no futuro possa se aproveitar dessa estrutura preexistente e desenvolver acordos lucrativos, a menos que o ocidente e a UE mantenham esse aliado tradicional.

## **Hong Kong**

A pequena península de Hong Kong historicamente foi uma vitória inglesa nas Guerras do Ópio contra a China no século XIX. Na segunda delas, foi determinado que a região seria de posse da coroa por cem anos, até 1997, onde novamente se tornou parte do continente. Além disso, foi acordado que até 2047, a ilha teria governo e constituição própria, gerando assim uma cidade chinesa bem peculiar. A crise política e econômica atual certamente é relevante no que diz respeito ao futuro deste território.

## **Hungria**

O passado sombrio da Hungria fez com que relações econômicas e diplomáticas com a Europa pós 1990 fossem cruciais para o desenvolvimento do país. Marcada pela monarquia austro-húngara, a ocupação alemã e a influência soviética, muitas questões ainda dificultam um contato mais direto com a política chinesa, enquanto buscam maior proximidade com a União Europeia. A posição estratégica com o Rio Danúbio é alvo de competições entre empresas americanas e chinesas.

## **Índia**

Tendo a segunda maior população e a quinta maior economia do mundo, a Índia certamente procura se aproveitar da guerra comercial atual para, fora da mídia *mainstream*, se posicionar com outra grande economia moderna. Os planos da China para o Oceano Índico preocupam o comércio indiano com o resto do mundo, alegando estar sendo enforcados pela política chinesa. Divergências territoriais com o Paquistão e a China com relação à Caxemira e o Butão se tornam outro obstáculo na relação econômica entre eles. Uma oportunidade que tem se mostrado positiva é a proximidade com a Europa e as negociações do BRICS, que podem ser necessárias para contornar a crise no país e retomar o rápido crescimento da economia antes da pandemia.

**Indonésia**

A indústria e o numeroso mercado consumidor da Indonésia foram fatores chave para que, mesmo com o mundo sofrendo com a guerra comercial, ela foi um dos poucos países que teve bons resultados nas relações com a China e o ocidente. Sendo uma economia de substituição para as altas taxas e imposições dos governos chineses e americanos, diversas empresas firmaram acordos com a força de trabalho barata da região. Por isso, é de se esperar que o país busque a todo custo manter a excelente atmosfera de comércio e desenvolvimento.

**Irlanda**

Por muitos séculos, a economia e o povo irlandês estiveram intimamente ligados aos ingleses e europeus, travando guerras e sofrendo com crises conjuntamente. Atualmente, não há dúvidas que a entrada de empresas chinesas na ilha preocupa nações próximas também, mas outros debates recentes dividem a política e a população. Discussões sobre o BREXIT, a saída do Reino Unido da UE e a questão da Irlanda do Norte são colocadas em conta sobre a guerra comercial.

**Israel**

O Estado judeu, desde sua oficialização pela ONU em 1949, vive com riscos de guerras e invasões dos países árabes com que divide fronteira. Ainda assim, Israel conseguiu se mostrar como uma forte economia, com um ambiente propício a *startups* e novos negócios. A relação com os americanos é bem sólida e a situação atual é lidada com cautela. Acima de tudo, o governo israelense busca se proteger dos inimigos e manter sua soberania como nação livre, a questão econômica é relevante e fulcral para o crescimento e futuro do povo judeu.

**Itália**

Forte por sua indústria diversificada e setores automotivos e agrícolas de renome, a economia italiana representa porção considerável do comércio europeu em geral, incluindo o contato com o Mar Mediterrâneo que abre muitas oportunidades. O turismo e a tradição também são fortes, sendo um destino muito procurado por asiáticos no verão, maioria chineses, que estimula uma melhor relação entre os dois países. Ainda assim, a participação na OTAN e no mercado ocidental não será abalada facilmente.

## **Japão**

A terra do sol nascente hoje é conhecida por sua cultura tradicionalista e pacifista, bem como economia altamente tecnológica e moderna. Porém, o legado violento da Segunda Guerra Mundial não foi apagado. Na época, a invasão à China marcou uma das mais sombrias eras do conflito. Essa cicatriz não foi perdoada pelo governo chinês até hoje, que age no poder comercial e em ameaças contra a ilha, que mantém há quase oitenta anos presença do exército americano em solo japonês. A guerra comercial não só afeta a grande economia nacional, mas o futuro e a proteção do país.

## **Macau**

Com semelhante história e características da vizinha Hong Kong, Macau é um paraíso fiscal e turístico. Por causa da liberação de cassinos e jogos de azar, atrai milhões de chineses, fazendo com que tenha faturamento cinco vezes maior que Las Vegas. Porém, apesar da união amistosa entre cultura chinesa e portuguesa, muito se discute sobre a soberania e o governo local, já que no futuro a região será definitivamente parte do continente. Há a preocupação da continuidade do mercado de lazer e jogos de azar, que também foram afetados na pandemia, e podem ser decisivos para o destino da ilha.

## **Malásia**

O Reino da Malásia desde os anos 1990 tem um desenvolvimento de sua indústria bem acentuado, característico dos Tigres Asiáticos, com custos de mão de obra e produção menores que na China e incentivos do governo. Por isso, ao longo da guerra comercial ativa, percebeu-se um crescimento da demanda por produtos feitos no país, bem como grandes corporações migrando para a região em fuga das adversidades dos governos americano e chinês. A Malásia briga pela primeira posição entre as economias do sudeste asiático e por mais relevância no cenário internacional, turístico e comercial.

## **México**

Vizinho ao sul dos EUA, o México é o maior parceiro no cenário americano, com ambas as economias dependendo dessa relação que envolve valores, bens e principalmente milhares de pessoas que cruzam as fronteiras diariamente a trabalho. A guerra comercial fez as empresas *yankees* voltarem os esforços de volta para o país latino por melhores condições de negócios, o que preocupou o governo Trump e fez o oposto do esperado. A China sabe que uma interferência nessa diplomacia tão vital e firme pode causar problemas piores do que os

econômicos, mas os EUA precisam lidar com a reputação afetada da política atual com relação aos mexicanos e a geopolítica na fronteira.

### **Marrocos**

Nação com mistura de culturas e políticas europeias e muçulmanas, o Marrocos se conecta com economias francesas e espanholas, mas também com egípcias e árabes; revelando uma região altamente turística e suscetível a grandes investimentos. Ainda na tentativa de se destacar no cenário mundial, incluindo candidaturas às Olimpíadas e Copas da FIFA, o país despreocupa-se com desavenças geopolíticas para realizar acordos econômicos, sejam eles americanos ou chineses, mas que possam trazer bons frutos para o Reino.

### **Nova Zelândia**

O país insular compartilha do poder regional da vizinha à oeste, Austrália, com as mesmas bases coloniais inglesas na história, para fazer comércio na região do Pacífico e conectar a Europa com o oriente. Também sofrendo com o avanço da economia marítima chinesa, tem procurado alianças com Japão e EUA para evitar violações de acordos internacionais de mares e recursos naturais, como o caso do Mar do Sul da China. Como uma extensão do ocidente em pleno Oceano Índico e Pacífico, a Nova Zelândia mesmo pequena transmite poder econômico.

### **Paraguai**

O Paraguai possui uma economia muito voltada para a agricultura e o comércio entre os parceiros próximos do Mercosul. Também tem laços fortes com a China, na importação de produtos industrializados. Conhecido como um paraíso para compra de bens baratos e falsificados chineses, onde brasileiros e argentinos viajam para comprar e revender falsificações em feiras. A guerra comercial fez o país repensar a origem de suas importações e a dependência na economia oriental.

### **Polônia**

Desde o fim da URSS, a Polônia vem se aproximando da Europa Ocidental para se reestruturar financeiramente, se unindo à UE e reduzindo a sombra da Rússia. A entrada no bloco europeu permitiu o fluxo de empresas polonesas e mundiais ao redor do país e do continente, diversificando os negócios. O ocidente sabe o potencial e o ganho conjunto da

relação com a região, em uma manobra política de reduzir a influência da China e da Rússia no leste europeu.

### **Portugal**

Portugal é uma tradicional economia da área turística, pescadora e culinária na Europa, exportando muita cultura e história entre os membros da UE e suas ex-colônias na África e no Brasil. A sólida relação com o ocidente é notável, mas o histórico contato com povos asiáticos ainda é visível, como o caso da região de Macau, que ainda não é totalmente parte da China mas carrega muito da tradição portuguesa. Esse detalhe torna a diplomacia entre os países bem peculiar, porém amistosa, com Macau sendo a ponte e a base de contato. Isso mostra que Portugal busca fazer comércio e manter boas relações com os dois lados da crise comercial.

### **Reino Unido**

A monarquia inglesa não é mais a potência indiscutível de eras atrás, mas o legado deixado pelo Reino Unido ainda é visto na modernidade ao redor do mundo. Mesmo recentemente se desvinculando oficialmente da UE, a relevância econômica na Europa e nas Américas continua. Com relação à Ásia, além da influência nas ex-colônias e o contato com os membros da *Commonwealth*, os ingleses dividem acordos econômicos com discussões políticas envolvendo Macau e Hong Kong, antigos protetorados que estão com datas contadas para definitivamente serem parte da China. Reino Unido também é ativo nas críticas sobre a invasão chinesa em regiões estratégicas no Pacífico. A posição da monarquia será fulcral para a resolução da guerra comercial, da pandemia e do futuro do comércio internacional.

### **Rússia**

A Rússia possui um posicionamento bem dividido acerca dos acontecimentos recentes envolvendo a guerra comercial e a pandemia. Considerando-se que esta busca se manter com destaque como um concorrente à altura da China e dos EUA. A boa relação comercial e militar com os chineses é forte, mas mostra sinais de redução, conforme a China anseia por mais protagonismo. Já sobre a Europa, a questão da Turquia e da Ucrânia revela um embate pela influência política e econômica no leste europeu e, com os EUA, ainda há discussões sobre eventuais interferências russas nas últimas eleições. A participação do país nas pautas atuais de comércio e diplomacia vão impactar diretamente o desfecho das negociações.

## **Singapura**

A pequena cidade-Estado de Singapura é um dos países mais ricos do mundo, onde grandes empresas investem em finanças, turismo e transportes. Com uma posição estratégica no Estreito de Cingapura é por onde passa grande parte do comércio marítimo global, com um dos portos mais movimentados da região. Com vistas a manter essa importância, o país se preocupa com a presença chinesa no Mar do Sul da China, que pode impactar diretamente nas operações da cidade e prejudicar toda a dinâmica de mercado internacional.

## **Suíça**

Tradicionalmente se posicionando como uma nação neutra em várias guerras e confrontos político-econômicos, a Suíça sempre buscou o artifício diplomático e a ONU na resolução de problemas. Representando um ambiente seguro de investimento e acúmulo de reservas, o país montanhoso compreende que a guerra comercial reverbera até mesmo em suas operações e contratos com diversos clientes no ocidente e no oriente.

## **Tailândia e Vietnã**

Sendo dois dos Tigres Asiáticos, tanto Tailândia quanto Vietnã enfrentam diferentes momentos da situação atual. Ambos se beneficiaram economicamente da guerra comercial, sendo dois comércios industrializados e com ambientes propícios a substituir os mercados americano e chinês. Porém, também vêm sofrendo com a ameaça militar ao longo do Mar do Sul da China, no qual os dois países dividem fronteiras marítimas e foram impactados pelas novas ilhas artificiais chinesas. Tailândia e Vietnã buscam claramente se manter como soberanos em seus mares legais, mas também pretendem continuar com os acordos e novos investimentos em suas economias frente às tensões comerciais atuais.

## **Taiwan**

Desde a revolução comunista de 1949 na China continental, a pequena ilha de Taiwan, ou a República da China, busca estabelecer sua identidade e soberania sobre a região. Conhecida como a China capitalista, tem fortes relações econômicas e militares com os EUA e Japão, e constantemente está em estado de alerta quanto a possíveis invasões da irmã continental, que a classifica como 'província rebelde'. A guerra comercial, diversos treinamentos aeronavais chineses próximos e a questão das ilhas artificiais preocupam o governo e isso impacta diretamente na situação entre EUA e China.

**Turquia**

A Turquia, mesmo sendo uma economia emergente importante e industrializada, enfrenta diversos conflitos políticos e militares desde a Europa até a Ásia. A Guerra da Síria, o separatismo do povo Curdo, a tentativa de golpe militar, a relação com a Rússia e a entrada na UE são alguns dos mais críticos e atuais. A polêmica entre EUA e China é mais um que demanda a atenção do governo turco, pois reflete em dinâmicas de negócios e valores, assim como em diplomacia e políticas.

**Uruguai**

O Uruguai é outro membro do Mercosul com destaque no cenário sul-americano. Com uma economia focada na pecuária e na agricultura, possui elevados índices de desenvolvimento humano (IDH) e uma diplomacia neutra com relação às crises. No entanto, a nação sabe que seu comércio depende da China e dos EUA na importação de seus bens. Por isso, a guerra comercial atual dificulta e prejudica os negócios.